

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E OS OBSTÁCULOS DO PROFESSOR FRENTE AO TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR¹

EDUCATIONAL PRACTICES AND TEACHERS' OBSTACLES IN THE FACE OF OPPOSITIONAL DEFIANT DISORDER

Aline Aparecida Damazio de Oliveira ⁱ

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo compreender as relações pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com Transtorno Opositor Desafiador e as dimensões que influenciam sua socialização no espaço escolar. O trabalho foi elaborado com a abordagem qualitativa, no método estudo de caso, por meio de entrevistas semiestruturadas com os profissionais da educação da cidade de Cláudia, Mato Grosso, no fim do segundo semestre de 2023, além de uma observação em uma sala de aula. Este artigo teve como embasamento teórico os autores Gustavo Teixeira e Larissa Calixto Mendes. Concluiu-se que é necessário capacitação profissional sobre este transtorno para os profissionais da educação, fundamental para um bom desempenho escolar deste estudante.

Palavras-chave: Transtorno Opositor Desafiador (TOD). Inclusão. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT²: The aim of this study is to understand the pedagogical relationships in the teaching and learning process of students with Oppositional Defiant Disorder and the dimensions that influence their socialization in the school environment. The work was carried out using a

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: os desafios de ensino e aprendizagem”, sob a orientação do Prof. Dr. Marion Machado Cunha - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/1.

² Resumo traduzido por Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPG Letras –UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>.

E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br.

qualitative approach, using the case study method, through semi-structured interviews with education professionals in the city of Cláudia, Mato Grosso, at the end of the second semester of 2023, as well as observation in a classroom. The theoretical basis for this article was Gustavo Teixeira and Larissa Calixto Mendes. It was concluded that professional training on this disorder is necessary for education professionals, which is essential for this student to perform well at school.

Keywords: Oppositional defiant disorder (ODD). Inclusion. Teaching and learning.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno Opositor Desafiador (TOD) é caracterizado por um padrão de comportamentos negativos, desafiadores e hostis aqueles que apresentem algum tipo de autoridade sobre esta pessoa. Como está descrito no livro do psiquiatra Gustavo Teixeira (2014, p. 20) “São crianças que apresentam uma dificuldade no controle do temperamento e das emoções, uma teimosia persistente; elas são resistentes a ordens e parece estar testando os limites dos pais a todo momento.”

Este artigo tem por objetivo ajudar os profissionais da educação, considerando que o TOD é um transtorno pouco abordado em pesquisas. Diante da realidade vivida no ambiente escolar, é fundamental investigar as rotinas pedagógicas adotadas por estes profissionais, a fim de entender como estas ações estão atendendo as necessidades específicas das crianças com TOD.

Este artigo tem como objetivo compreender as relações pedagógicas dentro do âmbito escolar, dando ênfase nas interações das crianças com TOD com os profissionais da educação. A pesquisa busca identificar as estratégias utilizadas pelos profissionais da educação, bem como os desafios que surgem no processo educativo.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, por meio de estudo de caso. Os resultados deram-se através de entrevistas semiestruturadas com professoras e auxiliares de sala de aula da cidade de Cláudia, Mato Grosso, no final do segundo semestre de 2023. O referencial teórico foi embasado nos estudos dos autores Gustavo Teixeira e Larissa Calixto Mendes.

2 O TOD E AS VIVÊNCIAS EM SALA DE AULA

O TOD pode ser definido como um transtorno comportamental, caracterizado por comportamentos hostis, agressivos, de índole vingativa, e de oposição a figuras de autoridade. Conforme está expresso no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V:

Um padrão de humor raivoso/irritável, de comportamento questionador/desafiante ou índole vingativa com duração de pelo menos seis meses, como evidenciado por pelo menos quatro sintomas de qualquer das categorias seguintes e exibido na interação com pelo menos um indivíduo que não seja um irmão. (APA, 2013, p. 462).

É muito comum que a pessoa com TOD tenha, além deste transtorno, outros transtornos como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou também Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Por conta disto, o diagnóstico precoce é fundamental para que a criança tenha desde cedo o tratamento mais adequado. (Mantoani; Bergamo; Cordeiro, 2019).

As crianças com TOD apresentam também comportamentos agressivos com seus pares. Seus comportamentos agressivos com as crianças geram ostracismos por parte das crianças que, por medo e também por desconhecerem o transtorno, se afastam desta criança. Diante disso Teixeira (2014, p. 21) afirma que:

Com frequência, essas crianças e adolescentes têm baixa autoestima e baixa tolerância às frustrações, humor deprimido, ataques de raiva e poucos amigos, pois costumam ser rejeitados pelos colegas por causa de seu comportamento impulsivo, opositor e de desafio às regras sociais do grupo.

As crianças que possuem TOD geralmente apresentam um comportamento desatento e conseqüentemente acabam por cometer erros e não admitem tê-los feito. Assim, a criança começa a desafiar a figura do professor, provocando e retrucando, testando seus limites. Nessas circunstâncias, se o professor não souber como lidar com esta criança, o andamento das aulas será prejudicado (APA, 2013, p. 463).

Antes de mais nada, é importante que o docente entenda as motivações que originam os comportamentos desafiadores deste estudante. Para isso, é necessário que o professor tenha um diálogo construtivo, que seja afetuoso com este estudante para que ele consiga desempenhar um bom trabalho. Neste sentido, Silva (2017, p. 36) afirma que:

O professor é um adulto e um líder, por isso será desafiado pelo aluno. Se o professor responder às provocações, discutir, força-los a cooperar e participar das atividades certamente estimularão comportamento ainda piores porque o aluno com TOD se sente instigado numa situação como essa. É preciso estabelecer regras claras, específicas e objetivas ditas de maneira normal e efetiva. Crianças com TOD acreditam que adultos punem e são severos. Partindo desse princípio é importante que o professor procure estabelecer uma relação pacífica, harmônica e de confiança com o aluno porque estes alunos podem estabelecer essa boa relação com adultos que se controlam e se colocam à disposição para conversas honestas e objetivas sobre seus comportamentos.

A disponibilidade de informações possibilita aos educadores uma compreensão mais aprofundada e abrangente das necessidades individuais do aluno, permitindo assim que adaptem suas abordagens de ensino de forma mais eficaz.

Segundo Mendes (2022, p.277):

Podemos dizer que o professor precisa conhecer o Transtorno Opositor Desafiador, seus sintomas, causas e limitações, para que assim ele possa ter um ponto de partida em relação ao trabalho traçado por ele. Ter uma conversa sincera com os pais do aluno com o TOD, procurar saber como a criança é em casa, o que faz em seu tempo livre, e principalmente como e quando ocorrem as crises de raiva, é fundamental, para que assim, quando o professor estiver diante de uma dessas crises, ele não ficará tão surpreso.

A importância de os professores terem informações sobre o TOD não pode ser subestimada. Este conhecimento não apenas permite uma compreensão mais profunda das necessidades do aluno, mas facilita o estabelecimento de uma relação empática e colaborativa entre professor e aluno.

Manter a postura firme, suave, sem alterar suas emoções também é um exercício no manejo dos professores. É necessário que o professor conheça seu aluno, procure manter a calma, a fim de aliviar as crises. Mediante a isso, Mendes (2022, p. 275) afirma que:

O professor que se encontra em frente ao desafio de lidar com uma criança opositora tem que estar completamente disposto a conhecer o aluno, para que ele possa saber quando o aluno está prestes a ter uma crise, podendo assim mediar a situação antes que a crise comece. Se o professor conseguir se manter sempre calmo diante das provocações e imposições da criança, e mostrar ao aluno que ele está ali só para ajudar, aos poucos ele irá conquistando a confiança do aluno, fazendo com que a criança aceite melhor as regras impostas a ele.

O ambiente da sala de aula pode ser desafiador para as crianças com TOD, mas com estratégias eficazes, os professores podem criar um ambiente de aprendizado apoiador para estes alunos. É muito importante que o educador estabeleça uma relação positiva com esta criança. Isso pode ser alcançado através de um engajamento regular, demonstrando interesse genuíno pelo bem-estar da criança e reconhecendo seus pontos fortes. Fazer adaptações no ambiente de aprendizado pode ajudar a atender as necessidades dos estudantes com este transtorno. Isso inclui a organização física da sala para minimizar as crises e distrações, ou fornecer espaços tranquilos para que a criança possa se acalmar quando necessário. Oferecer materiais adaptados pra uma melhor execução de tarefas também é uma sugestão para que o desempenho pedagógico seja mais eficaz.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de adquirir mais informações sobre o tema explorado na pesquisa, a metodologia foi conduzida pela abordagem qualitativa, no método estudo de caso. Sobre o método estudo, Alves-Mazzoti (2006, p. 650) discorre que:

O estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e, utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado. Os critérios para identificação e seleção do caso, porém, bem como as formas de generalização propostas, variam segundo a vinculação paradigmática do pesquisador, a qual é de sua livre escolha e deve ser respeitada. O importante é que haja critérios explícitos para a seleção do caso e que este seja realmente um “caso”, isto é, uma situação complexa e/ou intrigante, cuja relevância justifique o esforço de compreensão (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 650).

A pesquisa desenvolveu-se através de entrevistas semiestruturadas, com professores que trabalham com as crianças com TOD e seus auxiliares de sala de aula. A pesquisa foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2023, na cidade de Claudia, Mato grosso. Sobre a técnica de pesquisa entrevista, Gil (2008, p. 109) define como “uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.”

4 ENTREVISTAS COM OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

A seguir será exposto as questões apresentadas aos profissionais acerca do tema da pesquisa.

Com a finalidade entender um pouco mais sobre o TOD, foi perguntado aos profissionais que trabalham com estudantes com TOD, o que eles entendem por Transtorno Opositor Desafiador.

(01) Professor(a) 1: Poderia dizer que é um transtorno que faz com que as crianças se tornem agressivas, desobedientes, que enfrentam nossa autoridade enquanto professora.

(02) Professor(a) 2: Basicamente, um transtorno que torna as crianças bravas e teimosas.

(03) Monitor(a) 1: Um transtorno que deixa as crianças agressivas, bravas e desobedientes.

(04) Monitor(a) 2: Eu acho que é um transtorno que deixa as crianças muito nervosas, além do normal.

A visão dos educadores aponta para um perfil de comportamento hostil, agressivo e de resistência a regras. Importante destacar que, para além dos comportamentos opostos, deve-se considerar no processo de identificação do transtorno o contexto familiar, o histórico psicológico desta criança, a faixa etária desta criança.

Quando questionados sobre as formações continuadas para TOD ou transtornos globais de desenvolvimento, as professoras relataram não terem recebido formação, enquanto seus auxiliares receberam formações sobre estes temas.

(05) Professor(a) 1: Não.

(06) Professor(a) 2: Não tivemos.

(07) Monitor(a) 1: Tivemos algumas formações no início do ano.

(08) Monitor(a) 2: A gente teve duas formações antes das férias.

Percebe-se pela resposta dos entrevistados que apenas os monitores desta instituição recebem formação para área da educação inclusiva. A falta de preparo pode ter implicações importantes para a qualidade de ensino e o suporte adequado aos alunos com necessidades especiais.

Além da discrepância entre as formações continuadas para TDIs e professores sobre Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD), é notável que nenhum dos nossos colaboradores acredita que haja formações e experiências adequadas sobre este assunto. Essa percepção coletiva sugere uma necessidade urgente de revisão e melhorias nos programas de formações continuadas para incluir de forma mais abrangente as necessidades dos alunos com TGD.

Além disso, podemos destacar o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com o estudante com TOD, em que os nossos entrevistados destacam a importância de trazer abordagens flexíveis para se trabalhar com as crianças com TOD.

(09) Professor(a) 1: Todo o trabalho pedagógico deve ser adaptado, sempre trazer alternativa diferente para este aluno e sempre buscar novas metodologias.

(10) Professor(a) 2: É um trabalho bem difícil, o professor precisa fazer constantes adaptações, trazer atividades diferentes e muitas vezes tudo o que você planeja não sai como esperado, mas com paciência as coisas se ajeitam.

(11) Monitor(a) 1: É um trabalho bem difícil, se você não tiver um bom preparo a aula desanda e você não consegue fazer nada, precisa ter muita paciência.

(12) Monitor(a) 2: Olha, tem que ter muito jogo de cintura para que as coisas não saiam de controle. É muito difícil trabalhar com uma criança com TOD.

É fundamental que todas as atividades sejam adaptadas para os estudantes com TOD, que ele conheça este aluno e proponha atividades em que este aluno tenha foco e interesse em fazê-lo. O profissional precisa antes de tudo, conhecer seu aluno e suas particularidades para assim desenvolver um trabalho de excelência.

A fim de compreender como está a aprendizagem destes estudantes, questionamos os nossos colaboradores como estaria o desempenho escolar deste aluno em comparação com seus colegas de sala, onde nota-se que os entrevistados destacam os comportamentos desafiadores e a resistência a regras como um potencializador do baixo rendimento escolar destas crianças.

(13) Professor(a) 1: Em comparação aos outros alunos, o desempenho ocorre de maneira mais lenta. As vezes ela não quer realizar as atividades que eu proponho, e isto de certa forma compromete a aprendizagem dela.

(14) Professor(a) 2: O desempenho dele é bem baixo. Minha turma é um quinto ano e ele ainda não está alfabetizado, percebo que ele se estressa muito rápido com as atividades e preciso convence-lo a fazer.

(15) Monitor(a) 1: Eu percebi uma melhora dela no decorrer do ano, mas ainda assim o desempenho dela é mais devagar que o das outras crianças.

(16) Monitor(a) 2: É bem baixo. A professora faz pra ele atividades de primeiro ano porque ele não sabe ler ainda.

Nossos participantes relatam que há um baixo rendimento escolar para com este aluno, contudo, é importante ressaltar que a aprendizagem das crianças com TOD tende a ser diferente das crianças típicas, por conta das intercorrências oriundas do transtorno.

É evidente que o TOD pode desencadear uma série de desafios para vida escolar deste aluno, afetando sua capacidade de interagir com seus pares, seus professores, bem como a participação em atividades escolares. Ao investigar as experiências, perguntamos aos participantes da pesquisa quais as implicações do transtorno na rotina escolar desse aluno, onde eles enfatizaram que estes comportamentos oriundos do TOD acarretam em um isolamento deste aluno. Temos que levar em consideração as crianças desconhecem o transtorno e que este comportamento de afastar-se do seu colega é muito comum por conta desta falta de informação sobre o assunto.

(17) Professor(a) 1: No começo do ano percebi que muitos colegas a evitavam por sentir medo dela e muitas vezes eu a via isolada. O andamento das atividades era bem difícil por conta das atitudes dela.

(18) Professor(a) 2: Afeta muito as crianças e principalmente ele. Nos momentos de grande estresse dele, ele acaba agredindo colegas ou tendo atitudes chatas que incomodam os outros, e isso acaba afastando ele das outras crianças. Sempre procuro conversar, procuro apaziguar a situação, mas percebo que tem sim um certo afastamento dos alunos para com ele.

(19) Monitor(a) 1: Com relação aos colegas eles se afastam, por medo de agressões eles preferem se manter afastados dela. Na sala as vezes acontece de ela não aceitar alguma atividade e ficar agressiva na sala, e isso atrapalha o decorrer da aula, as vezes a professora não consegue explicar os conteúdos e eu preciso tirar ela da sala ou chamar o orientador. Isso com certeza afeta o desempenho dela na escola.

(20) Monitor(a) 2: É complicado, hoje eu vejo que eles estão bem mais unidos, mas no começo do ano, ninguém queria ficar perto dele, por conta desses comportamentos dele. (...) Teve uma época que ele estava tentando fazer amizade com as criancinhas menores das outras salas, que não são tão rancorosas que nem as crianças do quinto ano, porque ele se sentia muito só e isto deixava ele muito triste.

Deste modo, Teixeira (2014, p. 21) afirma que:

Com frequência, essas crianças e adolescentes têm baixa autoestima e baixa tolerância às frustrações, humor deprimido, ataques de raiva e poucos amigos, pois costumam ser rejeitados pelos colegas por causa de seu comportamento impulsivo, opositor e de desafio às regras sociais do grupo.

Isto demonstra a necessidade de trabalhar, não os sentimentos da criança com TOD, como também os sentimentos dos seus pares e procurar buscar a empatia mutua e a socialização entre eles.

Conforme foi expressado pelos nossos participantes, um ambiente incluso para com o aluno com TOD significa não só proporcionar o acesso ao ambiente escolar, mas também, trazer

metodologias que atendam as especificidades deste aluno. Olha-lo com compaixão, respeito e atende-lo em seus momentos de crise.

(21) Professor(a) 1: Trazer metodologias que atendam da melhor maneira este aluno, procurar fazer com que se tornem mais próximos dele. Fazer sempre trocas com ele e nunca procurar bater de frente com ele.

(22) Professor(a) 2: Atender o aluno, acolher em seus momentos de crise, ter compaixão e empatia por ele.

(23) Monitor(a) 1: Inclusão é tratar o seu aluno com respeito, carinho, ter paciência e entender que ele é um ser diferente de você e que deve ser respeitado nas suas diferenças.

(24) Monitor(a) 2: Inclusão é você entender a criança e fazer o possível para ela se sentir acolhida, tratar com respeito e amor. Isto não significa que você vai passar a mão na cabeça dela e deixar ela fazer tudo o que quer, mas fazer ela entender que muitas vezes não podemos ter tudo o que queremos e as vezes tudo o que a gente quer não é o melhor para gente.

Ao analisar as práticas pedagógicas, percebe-se que os profissionais da educação, especialmente os professores, estão despreparados para lidar eficazmente com alunos que possuem TOD. Esta despreparação se reflete na escassez de formações continuadas para estes profissionais. A falta de capacitação profissional adequada resulta em práticas pedagógicas ineficientes que não conseguem promover o aprendizado efetivo destes estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender as relações pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com Transtorno Opositor Desafiador e as dimensões que influenciam sua socialização no espaço escolar.

Compreendeu-se que é necessário que o profissional da educação receba formações continuadas e que busque cada vez mais informações sobre este tema, afim de conseguir realizar um trabalho significativo com esta criança.

Observou-se também como é importante realizar o trabalho de socialização entre os pares, para que esta criança se sinta mais acolhida, segura e que ela possa de fato ter uma boa convivência com seus colegas.

Portanto, visto as poucas informações sobre o tema, é nítido a necessidade da continuação de pesquisas sobre o Transtorno Opositor Desafiador, a fim de contribuir efetivamente para o âmbito acadêmico e desenvolvimento do trabalho escolar com estas crianças.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J. Usos e Abusos dos Estudos de Caso. **Cadernos de Pesquisa** São, Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA - APA –. **Manual Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais: DSM-5**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDES, L.C. Os desafios e práticas pedagógicas do professor em sala de aula com uma criança com transtorno opositor desafiador. **Eventos Pedagógicos. Matemática e suas interfaces com o ensino**, v. 13 n. 2. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rebs/index>.

SILVA, T. C. G. **Transtorno Opositor Desafiador: como enfrentar o TOD na escola**. 48f. Monografia (Pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva). Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/53309.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

TEIXEIRA, G. **O reizinho da casa: Manual para pais de crianças positivas, desafiadoras e desobedientes**. Rio de Janeiro: Best-seller, 2014.

Recebido em: 6 de novembro de 2024.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024.

<https://doi.org/10.30681/reps.v15i3.13169>

ⁱ **Aline Aparecida Damazio de Oliveira**. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2024/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9587500025975606>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9593-7274>

E-mail: oliveira.aline1@unemat.br